

DO SOCIAL AO AMBIENTAL: OS “MOVIMENTOS” DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

José Andreze Nunes da Silva¹

RESUMO

O presente texto tem como objeto de estudo o desenvolvimento da Teologia da Libertação nos documentos conclusivos das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe – CELAM: de Medellín a Santo Domingo em 1992 entre outros e livros. Analisei a Teologia da Libertação como uma teologia de movimento. Movimento no sentido de mover-se, pois ela move-se no transcorrer do tempo sempre que ao fazer uma leitura do contexto sócio-histórico ela busca responder aos desafios encontrados nesta leitura. Para isso, apoiou-se em teorias sociais, como o marxismo, para reformulação teológica, visando conferir eficácia política à fé. É uma teologia que se faz em três momentos, vendo, julgando e agindo. E a Igreja é conclamada a essa tríade em cumprimento de sua missão, optando pelos pobres e conscientizando a sociedade quanto à crise ambiental.

Palavras chave: Libertação, Pobres, Ecologia.

INTRODUÇÃO

A Igreja e o cristão em geral têm vivido sua experiência religiosa desligada do contexto vital. Há a crença, em determinados setores cristãos, que para ser santo deve haver a fuga do mundo. Essa posição foi duramente criticada por diversos filósofos, entre eles Nietzsche no prólogo de seu célebre livro “Assim falou Zaratustra”². Salvo alguns movimentos religiosos, como os franciscanos, só recentemente a teologia e os cristãos vêm se preocupando com o próximo além da salvação da alma. No caso protestante, o I Congresso Internacional sobre Evangelização, em Lausanne, na Suíça,

¹ Mestrando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida, Bacharel em Teologia e Licenciado em História.

² TEIXEIRA, Faustino L. C., *Espiritualidade do Seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 8,9.

entendeu que o ser humano precisava da salvação integral. Mas o ramo do cristianismo que mais buscou refletir sobre o papel da igreja em meio a uma sociedade sofrida pela opressão econômica, social e agora de crise ambiental, certamente foi o do catolicismo latino americano, a partir da Teologia da Libertação, que impulsionou a Igreja Católica Apostólica Romana em contexto latino americano a viver a práxis do evangelho.

Tratar da Teologia da Libertação e de sua trajetória na América Latina vem de encontro ao reconhecimento da importância que teve, principalmente no Brasil, visto ela celebrar no ano de 2011, 40 anos de existência. Em 1971 Gustavo Gutiérrez publicou no Peru seu livro fundador “Teologia da Libertação: Perspectivas”. No Brasil Leonardo Boff publicava também em 1971 em forma de artigos, numa revista de cunho religioso chamada “Grande Sinal”, para escapar da repressão militar, os textos “Jesus Cristo Libertador”, depois foi lançado em livro. Desde então surgiram três gerações de teólogos que se inscrevem dentro da Teologia da Libertação. Hoje ela está em todos os continentes e representa um modo diferente de fazer teologia, a partir dos condenados da Terra e da periferia do mundo. Aqui descrevo como se deu sua trajetória de prática e de reflexão libertadoras, desde seu nascedouro neste continente, sua proposição enquanto teologia da práxis, bem como seus movimentos reflexivos, iniciando com a opção pelos pobres até chegar naquilo que é hoje um dos temas que mais está em pauta, ecologia. Deixando claro que delimito-me a percorrer pela Teologia da Libertação construída pelos punhos de teólogos católicos em um contexto específico, a América Latina. Pois sabemos que há outras teologias de libertação entre evangélicos e fora deste continente.

Para realizar o texto foi feita pesquisa bibliográfica no campo da história da igreja na América Latina, história da teologia, textos de teólogos da libertação, documentos de conferências promovidas pelos bispos católicos, bem como pesquisas em sites que tratam desses temas.

CONTEXTO HISTÓRICO DO NASCIMENTO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

O nascimento da Teologia da Libertação se dá na década de 1960, e em particular na América Latina a experiência de libertação toma outros rumos em relação ao que estava acontecendo em outros lugares, como nos Estados Unidos com a Teologia Negra e Feminista.

Já entre os anos de 1930 a 1960 houve o surgimento de movimentos populistas, nacionalistas e desenvolvimentistas. A queda da bolsa de Nova York em 1929 contribuiu para o início dessa nova fase. Intensificou-se o processo de industrialização na América Latina e o êxodo rural, como ocorreu na Europa industrial³.

A América Latina há muito vem se aventurando de modo crônico em tentativas de reforma, que em geral acabam sendo utopistas pela rapidez da evolução, expectativas irrealistas, contrastes entre demagogias e ditaduras por forças militares. Com o grande fenômeno da urbanização, o desenvolvimento industrial concentrado nas grandes cidades, reformas agrárias improvisadas, exploração unilateral dos recursos naturais, tornou os problemas mais graves. Somados a isso há o crescimento do narcotráfico, penetrando em países e classes sociais que, até alguns anos antes, ignoravam esse problema. Em alguns países, a economia já se sustenta da droga, cujo tráfico é tolerado pelo governo. Há um grande predomínio de concentração de riqueza agrária e indústria nas mãos de poucos, decididos a defender até com violência os próprios privilégios. Vários regimes semiditatoriais estão habituados a eliminar os opositores, como o fenômeno de desaparecidos no Chile, Argentina e em outros lugares. Na América Latina há ainda a constante ocorrência de golpes de Estados militares em alguns lugares. Em outros, persiste as guerrilhas.

Depois da segunda guerra mundial (1939-1945), o capitalismo avançou a toda velocidade. Nossa realidade Latino Americana foi bem diferente da Europa. Lá, “sob a forma de neocapitalismo, e em alguns países, sob a orientação de líderes cristãos, assumiu cara mais humana”⁴. De fato, as lutas operárias, as intervenções do Estado na regulação e promoção do desenvolvimento social conseguiram mitigar as escandalosas situações, criadas pelo capitalismo clássico. Os povos da Europa adquiriram condições de segurança social, de higiene, de salário decente para todos. Criou-se o Estado do

³ LIBANIO, J. B., MURAD, A. *Introdução à Teologia: Perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Edições Loyolas, 2003, p. 162.

⁴ LIBANIO, 2003, p.163

bem-estar social, reduzindo bastante as desigualdades sociais, generalizou-se bom nível de consumo, sistema de pleno emprego etc. Mas, esta face mais humana do neocapitalismo, sobretudo onde a economia social de mercado se impôs, fez que não se percebesse tão claramente o que se passava nos países periféricos, que estavam entregues à forma selvagem de capitalismo, tardio e dependente.

A pobreza que assolou a maior parte do povo na América Latina não é acidente, ela é o resultado das estruturas, que os teólogos da Libertação vão chamar de “pecaminosa” da sociedade, que trabalham para manter a riqueza e o poder extremos de uns poucos às custas dos desfavorecidos nesta sociedade.

As estatísticas desse período refletem essa verdade. “No Brasil, 2% dos donos de terra controlam 60% das propriedades como solo arável, enquanto 70% dos habitantes das regiões rurais não possuem terras”⁵. Esses índices se aplicam a outros países da América Latina. O que mais choca é que são as crianças que pagam o preço. Pois as grandes cidades estão repletas de crianças indesejadas e abandonadas, que mendigam e, com frequência, sofrem abusos. À medida que os pobres da América Latina ficam cada vez mais pobres, os ricos prosperam mais que nunca. Muitos dos que resolvem protestar contra essa situação são mortos de maneira misteriosa ou simplesmente desaparecem. Um exemplo foi o caso do Arcebispo Dom Oscar Romero, que passou a denunciar, em suas homilias dominicais as numerosas violações de direitos humanos em El Salvador e manifestou publicamente sua solidariedade com as vítimas da violência política no contexto da Guerra Civil de El Salvador. Foi assassinado quando celebrava a missa, em 24 de março 1980, por um atirador de elite do exército salvadorenho, treinado nas Escola das Américas. Sua morte provocou uma onda de protestos em todo o mundo e pressões internacionais por reformas em El Salvador⁶.

No campo religioso a América Latina sofre da escassez do clero, que por volta de 1970, não superava os 50 mil sacerdotes, para uma população de 300 milhões, ou seja, 1 sacerdote para cada 6 mil habitantes. Mas, mesmo diante desta situação não faltaram vozes proféticas, como as de Dom Helder Câmara, bispo de Recife. O que

⁵ GRENZ, S. J., OLSON, R. *Teologia do Século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 258.

⁶ Editorial. *Igreja recorda 30 anos da morte de Dom Romero*. Disponível em <https://noticias.cancaonova.com/mundo/igreja-recorda-30-anos-da-morte-de-dom-romero/>. Acesso em: 03/10/2017.

faltou ao lado desses profetas foram programas concretos e factíveis, unidade de orientação, constância na ação contra o pauperismo existente, tenacidade na educação das massas e dos jovens.

O que escandaliza é que na América Latina, a maioria do povo, tanto rico quanto pobres, tanto poderosos quanto sem poder, se dizem cristãos. Religião que prega o amor, a paz e a igualdade. E a igreja Católica Romana que é a igreja oficial de muitos desses países, e mesmo onde não é considerada oficial, é influentemente poderosa, não se posiciona do lado dos oprimidos. Daí as duras críticas dos teólogos da libertação a ela. Gustavo Gutiérrez diz que a Igreja bucou “apoio do poder estabelecido e dos grupos economicamente poderosos, para fazer frente a seus eventuais adversários”⁷. Os teólogos da libertação afirma que a igreja não é neutra, em termos de seu desenvolvimento sócio-político, mas, na verdade, sempre tomou o partido dos opressores.

Na primeira metade do século XX a Igreja Católica estava duplamente atrasada. Não respondia nem aos questionamentos da modernidade cultural liberal nem aos primeiros movimentos crítico-sociais. Somente após o papa João XXIII lançar suas encíclicas sociais e convocar o Concílio Vaticano II é que a euforia pós-conciliar explode em um pensamento social e teológico de caráter libertador. Vejamos os movimentos percorridos no surgimento de uma teologia que reflete, questiona e critica.

1 De Medellín a São Domingo (1968-92)

Em meio ao cenário de opressão econômica e injustiça social, na América Latina, nasce a CELAM (Conferência Episcopal da América Latina), que em suas reuniões periódicas foi o estímulo e um instrumento de ligação entre Igreja e povo que sofre. Os três encontros mais importantes do episcopado latino-americano são os de Medellín, na Colômbia, em agosto-setembro de 1968, de Puebla, no México, em janeiro-fevereiro de 1979, e de Santo Domingo, na capital da República Dominicana, em outubro de 1992, no quinto centenário da descoberta da América.

⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 153.
UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 5, n.2, Ago-Dez., 2017

O evento mais importante na década de 60 para o salto qualitativo da Igreja na América Latina foi a conferência de Medellín, onde seguiu a agenda social, deixando seu ranço conservador.

A Conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática proposta foi “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”⁸. A preocupação fundamental de Medellín foi a condenação da violência institucionalizada, a crítica à invasão econômica do continente por parte das grandes multinacionais. O papa, presente ainda no encontro, insistiu em promover a justiça e a paz, porém alertando diante da tática do marxismo ateu de provocar a violência e a rebelião sistemática, e de gerar o ódio como instrumento para alcançar a dialética de classes. Mesmo com os temores desses assuntos controversos, ganharam grande repercussão os documentos sobre os temas da Justiça, a Paz e a Pobreza da Igreja. Diante da relevância e impacto desses documentos, elementos característicos de Medellín foram as reflexões sobre pobreza e libertação.

Quanto à organização eclesial, escolhe-se o modelo das comunidades eclesiais de base como principal forma de expressão da Igreja no meio dos pobres.

O florescimento das Comunidades Eclesiais de Base, que impulsionadas pela Conferência de Medellín e pela pedagogia da Ação Católica através do método Ver-Julgar-Agir, lutavam pela transformação social.

No fim de 1976, no transcurso da XVI Assembléia do CELAM, celebrada em San Juan de Puerto Rico, Sebastião Cardeal Baggio, então prefeito da Congregação para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, anunciou que Paulo VI tinha a intenção de convocar a III Conferência Geral. Os bispos acolheram com entusiasmo a notícia e iniciaram os trabalhos preparatórios ao evento eclesial. Paulo VI apontou como documento de referência a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, na qual o pontífice analisava o que é evangelizar, qual é o conteúdo da evangelização, quem são os destinatários da evangelização, quem são seus agentes e que espírito deve presidi-la. A convocação oficial da III Conferência ocorreu no dia 12 de dezembro de 1977, sob o tema: “Evangelização no presente e no futuro da América

⁸ LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 126.

Latina”⁹. Mas o seu falecimento de Paulo VI e o breve pontificado do Papa João Paulo I fizeram com que a Conferência fosse adiada, até ter lugar de 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, sendo inaugurada com discurso de abertura pelo papa João Paulo II. Participaram 356 delegados, sendo previstos inicialmente 249, 221 dos quais eram bispos.

A Conferência de Puebla foi marcada pela pujante vida eclesial na América Latina, pela presença de João Paulo II, recém eleito, e pela linha dominante do secretariado organizador da assembléia. Os bispos atentam para o fenômeno da desigualdade e da injustiça na América Latina, que gera uma situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos. O documento de Puebla, sob vários pontos de vista, pode ser considerado um passo adiante da CELAM anterior, ou seja: rejeição à violência; empenho pela libertação total do homem da pobreza; reavaliação da religiosidade indígena e popular; opção preferencial pelos índios, camponeses, operários, marginalizados e pelos pobres. A Igreja concebia assim a luta pela justiça, pelos direitos humanos e pela libertação integral como sua missão pastoral fundamental, crescendo em seu interior a participação popular como consequência.

Santo Domingo pôs o acento nos valores tradicionais do mundo latino-americano. A quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo, na República Dominicana, 1992, sob o tema: "Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã", sob o lema: "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8)¹⁰.

Três eram os objetivos: “celebrar Jesus Cristo, ou seja, a fé e a mensagem do Senhor crucificado e ressuscitado; prosseguir e aprofundar as orientações de Medellín e Puebla; definir uma nova estratégia de evangelização para os próximos anos, respondendo aos desafios do tempo”¹¹.

⁹ PAULO II, João. *Documento De Puebla: conclusões da iiiª conferência geral do episcopado latino-americano*. Disponível em:

http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf.

Acesso: 05/10/2017.

¹⁰ TEIXEIRA, Paulinele José. *A comunicação na Igreja Católica Latino-americana*. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014. Disponível:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0140-1.pdf>. Acesso em: 05/10/2017.

¹¹ SARANYANA, Josep-Ignasi. “Cem anos de teologia na América Latina (1899-2001)”. In: *Coleção Quinta Conferência – História*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2005, p. 147.

A América Latina passara por diferentes mudanças desde 1979, havia-se alterado a situação política das repúblicas latino-americanas, passando de ditaduras de distintas matizes a regimes políticos mais ou menos democráticos. Constatara-se a derrocada do “socialismo real” e afirmava-se o neoliberalismo de cunho anglo-saxão. A violência do narcotráfico se estendia, em convivência com algumas guerrilhas. Nos anos 80 se acentuara a urbanização, evidenciando a miséria de grandes parcelas de população aglomeradas nas grandes cidades. O que faz com que as discussões sociais retornem. Os bispos voltam a se comprometer com a lutar por uma promoção integral do povo latino-americano e caribenho a partir de uma evangélica e renovada opção preferencial pelos pobres, a serviço da vida e da família; uma evangelização inculturada que penetre os ambientes marcados pela cultura urbana, que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas, com eficaz ação educativa e moderna comunicação.

Santo Domingo apresenta ainda linhas pastorais para os temas da ecologia, da terra, do empobrecimento, o tema do trabalho, da mobilidade humana, da ordem democrática, da nova ordem econômica, e da integração latino-americana. Para atuar junto a esses desafios é necessário “robustecer o conhecimento, difusão e prática da Doutrina Social da Igreja nos distintos ambientes”¹².

O papel dominante e sua forte influencia fez da Igreja Católica Romana na América Latina um veículo significativo para disseminar a Teologia da Libertação por todo o continente sul-americano.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO DIRECIONA A PRÁXIS ECLESIASTICA

Gustavo Gutiérrez¹³ e Leonardo Boff¹⁴ são uns dos principais expoentes da Teologia da Libertação. Cada um, ao seu modo, engajou-se na luta pelas massas pobres

¹² CELAM. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã*. “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). Santo Domingo: Conclusões. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: 12-28 de outubro de 1992. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 148.

¹³ Sacerdote dominicano e é doutor em Teologia. Nasceu em Lima (Peru) no ano de 1928.

¹⁴ Doutor em Teologia e Filosofia. Nasceu em Santa Catarina em dezembro de 1938. Ingressou na ordem dos franciscanos em 1959, vindo a renunciar em 1992 após forte pressão do Vaticano na época do Pontificado de João Paulo II e da gestão de Joseph Ratzinger (atual Papa Bento XVI) a frente da Congregação para a Doutrina da Fé (antigo Tribunal da Santa Inquisição).

que não tinham voz e vez na América Latina. Ambos utilizaram da teologia como um meio em que se pudesse fazer uma análise crítica da sociedade latino-americana e assim, reestruturar a Igreja Católica a partir de uma práxis afirmativa de que o reino de Deus já estava se fazendo valer na América Latina, especialmente entre os oprimidos.

A Teologia da Libertação é um movimento teológico fruto da observação e reflexão que os teólogos fizeram do contexto Latino Americano. Francisco Catão define assim:

“a teologia da libertação é resposta à problemática pastoral da Igreja, especialmente colocada no contexto latino-americano, em que a luta pela libertação constitui uma exigência fundamental do Evangelho e uma antecipação do Reino de Deus”¹⁵.

A Teologia da Libertação propõe uma valorização da história, da cultura e da diversidade como formas de manifestação do encontro do homem oprimido com Deus. As raízes desta teologia encontram-se tanto num passado distante quanto num mais próximo. Muitos de seus defensores fazem referência a Bartolomé de Las Casas, um padre espanhol que, no século 16, defendeu os povos nativos dos conquistadores, que, muitas vezes, nem os consideravam seres humanos. Las Casas arguiu com os reis espanhóis que os habitantes ameríndios da América do Sul eram humanos, e principalmente, criados à imagem de Deus, merecedores, portanto, de respeito, justiça e salvação. Bartolomé nunca dissociou a salvação da justiça social (GUTIERREZ, 1981).

As raízes mais recentes da Teologia da Libertação encontram-se nos acontecimentos e movimentos religiosos e sociais, como já foi abordado acima.

Existem pelo menos dois fundamentos bíblicos em que a Teologia da Libertação está pautada: o primeiro se baseia no livro de Êxodo (que no original significa “saída”), onde é relatado o sofrimento do povo de Deus no Egito mediante um sistema escravocrata. Depois de mais de quatrocentos anos eles conseguiram a libertação por meio da liderança religiosa de Moisés. O segundo fundamento está na própria vida de Cristo, cuja tarefa foi libertar o ser humano do seu estado de sofrimento, introduzindo já o reino de Deus aqui na terra.

¹⁵ CATÃO, Francisco. *O que é teologia da libertação*. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986, p.63. UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 5, n.2, Ago-Dez., 2017

Para os componentes do clero, lideranças católicas que se preocupavam com a atuação social da Igreja num continente marcado pela pobreza - resultado da exploração colonial, compreendiam que a libertação humana deveria ser plena e integral. “A salvação de Deus não é um simples estado d’alma, nem, muito menos, uma salvação após a morte, mas uma libertação histórica, a ser desfrutada, aqui e agora, pela pessoa e pela sociedade¹⁶”.

A maior crítica à Teologia da Libertação se dá na sua análise metodológica. Outros teólogos, do próprio seio católico, afirmam, com certa razão, que quase todos os teólogos da libertação usam a dialética social marxista para compreender a situação de pobreza na América Latina, bem como para oferecer soluções para esse problema, que é a revolução, construída pela luta. De fato, é isso que o marxismo prega. Marx não cria na utopia que os ricos - conscientes do estado de pobreza criados por eles, compartilhariam seus bens de forma igualitária, crença defendida pelo socialismo utópico. O filósofo dialético alemão, por outro lado, afirmava que a alienação só acabaria quando o proletário tomasse consciência de classe e, uma vez unidos, fizessem a luta de classes, sendo senhor de seu próprio destino e promovendo a revolução. Deste viés, os teólogos da libertação, fazem coro com Marx ao propor que “Os filósofos têm interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo”¹⁷.

Em sua defesa os teólogos da libertação afirmam que a análise de Marx esclarece as causas da injustiça e da extrema pobreza. Eles argumentam que o emprego das idéias propostas pelo marxismo não é diferente do uso de teorias dos filósofos descrentes, como Platão, pelos pais da igreja ou de Aristóteles por Tomás de Aquino.

Fora dos quadros da Igreja Católica, teólogos protestantes também têm suas críticas à Teologia da Libertação. Entre as principais críticas está a acusação de que o marxismo deixou de ser uma ferramenta de análise útil para identificar a luta de classes – e da opressão dos mais fortes sobre os mais fracos, para se transformar em solução política. E, também, há uma forte ênfase no Jesus histórico em detrimento do Cristo da Fé. Jesus aparece como um revolucionário, subversivo e, por fim vítima de um sistema opressor romano que o leva a cruz - mártir da luta de classes, como alerta para outros não se rebelarem. O Jesus libertador veio conchamar o povo a lutar pela implantação do

¹⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 67.

¹⁷ ENGELS, Friedrich., MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ed. Centauro, 2002, p. 111.

reino de Deus, que seria justiça e paz. A salvação se dá na esfera terrestre, quando o oprimido ver-julga-age na sua história, libertando-se das garras do pecado estrutural.

Para a Teologia da Libertação o principal aspecto desta metodologia teórica é a crítica e a transformação, a Igreja deve tomar partido dos oprimidos, em solidariedade com eles, contra os opressores. Evangelizar, neste contexto, é proclamar a participação de Deus na luta humana pela justiça e conversão é aderir a esta agenda.

Na igreja da libertação os cristãos desempenham papel fundamental. Assumem posição de vanguarda pastoral no campo e nas cidades. As conferências reúnem uma excelente equipe de assessores, que organizam cursos e seminários, conscientizando os religiosos de sua vocação profética. Desde então, na Igreja da libertação, multiplicam-se as pastorais sociais. Nos anos de repressão política, a pastoral dos direitos humanos, em união com as Comissões de Justiça e Paz, dispõe-se a ajudar os perseguidos do regime. Muitas outras pastorais surgiram, as que trabalham com as mulheres marginalizadas, com o menor carente geral, e, de modo especial, como os meninos de rua, com os sem-casa, com os sem-terra, com os doentes abandonados e aidéticos.

De fato, a reflexão dos teóricos da Igreja, os teólogos da libertação, têm desafiado e conduzido a Igreja em ações que a aproxima do oprimido. A partir da pergunta: como crer dentro de uma situação de opressão e libertação? Como resposta a Igreja participa do processo de libertação da realidade social na sua função própria de missão, ajudando pessoas simples. Por isso, produz uma forma teológica popular, quer oral, quer escrita. As próprias comunidades elaboram, em folhas mimeografadas ou pequenas brochuras, reflexões de fé sobre o cotidiano e sobre as pequenas lutas, novenas, vias-sacras e celebrações litúrgicas. Lançando mão de métodos pedagógicos libertadores, Paulo Freire, e leituras populares da bíblia, Carlos Mester.

DA OPÇÃO PELOS POBRES À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

O ponto central e original da Teologia da Libertação foi a opção preferencial pelos pobres. “Opção pelos pobres” torna-se a bandeira da Igreja no continente latino-americano. Lentamente, a Igreja coloca os pobres no centro de todas as suas

preocupações pastorais e teológicas. Trata-se, portanto, de uma perspectiva epistemológica pela qual se buscava não apenas visitar todo o patrimônio cultural e científico da teologia cristã mas também se queria, à luz desta opção, responder aos problemas que o mundo moderno coloca para a presença e ação da igreja no mundo. Não se esquecendo nunca de que o principal problema é a pobreza estrutural.

A consciência de que a pobreza estrutural é o principal problema a ser enfrentado permitiu estabelecer a interface entre as exigências religiosas, os desafios econômicos e os obstáculos políticos. Enquanto teologia, isto é, como reflexão sobre Deus, a Teologia da Libertação aceitou o desafio de revelar este mesmo Deus a partir do lugar social do pobre, o que não significa de forma alguma uma santificação romântica deste último, nem muito menos uma resignação frente a pobreza na qual vivem grandes segmentos da população brasileira.

Por outro lado, ao se perceber que a pobreza é um problema estrutural também se percebeu que sem transformações econômicas e políticas não haverá superação da pobreza e, conseqüentemente, um discurso sério sobre Deus. Toda a pastoral da Igreja orienta-se no sentido de que essa multidão, essa massa de pobres, assuma cada vez mais seu papel de sujeito da história. Atribui-se-lhe papel de protagonista nas transformações sociais.

Dessa nova aliança, entre Igreja e pobres, vêm-lhe as acusações por parte dos regimes militares e das poderosos dominantes. Assacam-lhe a pecha de “comunista”¹⁸. Em nome dessa imputação, desencadeia-se contra a Igreja a mais violenta perseguição que se viu na história da Igreja em país cristão. Existe longo dossiê que relata as prisões, as torturas, as invasões de domicílio, os assassinatos, os exílios, as calúnias, as censuras, os inúmeros processos penais contra membros da Igreja, desde cardeias, bispos até simples fiéis. É um rosário de perseguição. No Brasil, intensifica-se depois do AI-5, em 1968, até o regime do presidente Figueiredo. Na America Central continua ainda em nossos dias essa realidade, tendo uma de suas expressões mais bárbaras o assassinato de toda uma comunidade de jesuítas que dirigiam e trabalhavam na Universidade Católica de El Salvador. No Chile, foi sanguinolenta a ditadura do general Pinochet¹⁹.

¹⁸ LIBANIO, 2002, p. 132.

¹⁹ LIBANIO, 2002, p. 133.

Depois de quatro décadas de a Teologia da Libertação se espalhar de forma especial na América Latina, quando muitos teólogos foram acusados de fomentar a formação de células comunistas dentro da Igreja Católica através das comunidades eclesiais de base, pergunta-se, como deve ser o novo cristianismo militante? A primeira atividade a dar cores foi o Fórum Social Mundial de Belém, o III Fórum Mundial de Teologia e Libertação (FMTL) tenta responder esta pergunta. A base da resposta está em uma teologia de sustentabilidade da vida no planeta.

O III FTML ocorreu em Belém (Pará) de 21 a 25 de janeiro de 2009. Seu tema geral foi *Água, Terra, Teologia - para outro mundo possível*. A proposta do fórum é reunir teólogos cristãos dos diversos continentes que trabalhem com o tema da libertação, em todas as suas dimensões, tornando-se "um espaço de encontro para reflexão teológica de alternativas e possibilidades de mundo, tendo em vista contribuir para a construção e uma rede mundial de teologias contextuais marcadas por perspectivas de libertação".²⁰

Desde dos anos 90, o movimento de libertação interessa-se cada vez mais pelas questões ecológicas que aborda com o espírito de amor místico e franciscano pela natureza e com uma perspectiva de crítica radical do sistema capitalista.

A água e a terra obtêm lugares na reflexão teológicas e de construção de alternativas que venham superar a lógica desenvolvimentista irracional com seu mito do progresso que se encontra a serviço do capital. Será esse o objeto do livro *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, de Leonardo Boff. O teólogo escreve inúmeros ensaios filosóficos, éticos e teológicos que abordam esta problemática. Segundo Boff, o encontro entre a Teologia da Libertação e a ecologia é resultado de uma constatação: "A mesma lógica do sistema dominante de acumulação e da organização social que conduz à exploração dos trabalhadores, leva também à pilhagem de nações inteiras, e, finalmente, à degradação da natureza"²¹.

Portanto, a Teologia da Libertação aspira a uma ruptura com a lógica desse sistema, uma ruptura radical que aponta a libertar os pobres, os oprimidos e os excluídos, as vítimas da voracidade da acumulação injustamente distribuída e libertar a

²⁰ VIANA, Waldo Luís *Eu Sei Que Tu Me Sondas*. Joinville: Clube de Autores, 2007, p. 235.

²¹ BOFF, L. *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, S.Paulo, Ática, 1995, p. 11.

Terra, essa grande vítima sacrificada pela pilhagem sistemática de seus recursos, que põe em risco o equilíbrio físico, químico e biológico do planeta como um todo. O paradigma opressão / libertação aplica-se, pois, para ambas: as classes dominadas e exploradas por um lado, e a Terra e suas espécies vivas, por outro.

A transição no seio da Teologia da Libertação se dá lentamente. Tal transição não quer dizer que ao adotar o discurso ambiental os teólogos abandonem o oprimido. Pelos contrário, amplia-se a visão, ao entender que aqueles que oprimem também são os mesmos que exploram predatoriamente os recursos naturais. A opção pelos pobres ganha um relevo maior, o da opção pela vida.

As sucessivas Conferências Episcopais na América Latina traz em suas pautas o discurso de que tudo que afeta os seres humanos tem a ver com o destino de salvação preparado por Deus para humanidade. A crise ecológica traz sérios problemas e põe em perigo a sobrevivência e a felicidade dos seres vivos. Os desafios ecológicos afetam a harmonia da criação por meio de uma intervenção desagregadora perpetrada pelo próprio ser humano. Diante disso as conferências registram preocupações com a crise ecológica e já a viam como desafio.

1 Puebla (1979)

Já no documento dos Bispos latino-americanos, da conferência em Puebla, aborda-se várias vezes a questão da ecologia:

- n. 139: “Se não mudarem as tendências atuais continuará a deteriorar-se a relação do homem com a natureza pela exploração irracional de seus recursos e a contaminação do ambiente, com o aumento de graves prejuízos para o homem e para o equilíbrio ecológico²²”.

- n. 327: Pede que “o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, da cultura, da ciência e da técnica” se realizem “em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia”²³.

2 Santo Domingo (1992)

²² CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Puebla: Conclusões. III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 87.

²³ CELAM, 1979, p. 128.

Em Santo Domingo, entre os desafios que a Igreja na América Latina e Caribe deve enfrentar citam-se:

A defesa da vida diante da presença destruidora de uma cultura de morte; Ecologia: a natureza como dom de Deus que temos que cuidar e desenvolver com critérios éticos, com proposta de desenvolvimento sustentável; Terra, considerada como dom de Deus e lugar sagrado, sobretudo para os indígenas, que deve ser distribuída com justiça, favorecendo os excluídos.

Como desafios, Santo Domingo cita a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, celebrada no Rio de Janeiro, que pôs em relevo mundial a gravidade da crise ecológica. Cita o problema das grandes cidades, a perda das terras por parte de populações indígenas, o desmatamento e as queimadas, sobretudo, na Amazônia. Para enfrentar estes problemas propõe-se o desenvolvimento sustentado, para atender as necessidades presentes sem comprometê-las no futuro. É necessário adotar critérios éticos, uma ética ecológica que abandone o utilitarismo e individualismo, que frise o destino universal dos bens da criação, a promoção da justiça e da solidariedade. Aponta também algumas linhas pastorais para os cristãos: Começando com as crianças e os jovens, promover uma “reeducação de todos diante do valor da vida e da interdependência dos diversos ecossistemas”²⁴; Cultivar uma espiritualidade que recupere o sentido da presença de Deus na criação, explicitando a nova relação estabelecida pelo mistério da encarnação, pela qual Cristo assumiu tudo o que foi criado; Valorizar a nova plataforma de diálogo que a crise ecológica criou, e questionar a riqueza e o desperdício; Aprender com os pobres a viver com sobriedade e com a sabedoria dos indígenas para preservar a natureza como ambiente de vida para todos; Aprofundar a mensagem do santo Padre por ocasião da jornada mundial da paz, aprendendo o que seja “ecologia humana”. São Francisco, no seu amor aos pobres e à natureza, pode inspirar o caminho de reconciliação com a criação e com todos os homens, caminho de justiça e de paz.

Não poderíamos fechar esse tópico sem antes fazer a devida menção à Igreja e ao episcopado católico brasileiro. É digno de nota seu engajamento em favor de uma

²⁴ GARMUS, Frei Ludovico. *Ecologia nos Documentos da Igreja Católica*. Disponível: <http://www.franciscanos.org.br/?p=55573>. Acesso em: 13/10/2017.

Igreja que se abra para os pobres, e toma posição em sua defesa. Durante os anos sombrios no Brasil a Igreja manteve, pela ala progressista e pelos bispos adeptos da Teologia da Libertação, significativa atuação, principalmente durante a ditadura militar. São conhecidos vários documentos emanados de conferências com grandes incidências pastorais e sociais. Ao emergir a questão ecológica não se manteve calada, principalmente por ocasião da Conferência Mundial do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. O setor de pastoral social da Conferencia Episcopal organizou naquele momento um seminário em Brasília, de 17 a 21 de maio de 1992, sobre “Ecologia e Desenvolvimento”, resultando no documento intitulado *A Igreja e a questão ecológica*²⁵. Sem mencionar que várias Campanhas da Fraternidade teve como tema as questões socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia da Libertação e seus teólogos não terminaram suas trajetórias. Mais recentemente textos tem se multiplicado abordando a necessidade de uma nova espiritualidade, uma que resulte numa prática de fé que se assemelhe ao Deus encarnado, Jesus. Mas este assunto foge à proposta deste artigo, que buscou em documentos e livros a trajetória desta teologia que ganhou grande repercussão no Brasil e países latinos americanos. Teologia que teve entre seus adeptos alguns mártires e desafiou o cristão a olhar criticamente seu contexto social e a lutar por condições melhores em vez de resignar-se.

Sendo a religião, e a Igreja por sua vez, a concepção de mundo mais próxima das camadas populares, é significativo um projeto teológico de oposição aos desmandos do capitalismo. O tema da transformação social no universo eclesial alia uma frente influente, que é a Igreja, ao povo contra a ordem opressora estabelecida.

REFERÊNCIAS

²⁵ JUNGES, José Roque. *Ecologia e Criação*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 86-90.
UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 5, n.2, Ago-Dez., 2017

- BOFF, L. *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, S.Paulo, Ática, 1995.
- CATÃO, Francisco. *O que é teologia da libertação*. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1986.
- CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Puebla: Conclusões. III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Paulinas.
- CELAM. *Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã. "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8)*. Santo Domingo: Conclusões. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: 12-28 de outubro de 1992. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 148.
- Editorial. *Igreja recorda 30 anos da morte de Dom Romero*. Disponível em <https://noticias.cancaonova.com/mundo/igreja-recorda-30-anos-da-morte-de-dom-romero/>. Acesso em: 03/10/2017.
- ENGELS, Friedrich., MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ed. Centauro, 2002.
- GARMUS, Frei Ludovico. *Ecologia nos Documentos da Igreja Católica*. Disponível: <http://www.franciscanos.org.br/?p=55573>. Acesso em: 13/10/2017.
- GRENZ, S. J., OLSON, R. *Teologia do Século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNGES, José Roque. *Ecologia e Criação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LIBANIO, J .B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____, J. B., MURAD, A. *Introdução à Teologia: Perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Edições Loyolas, 2003.
- PAULO II, João. *Documento De Puebla: conclusões da III conferência geral do episcopado latino-americano*. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf. Acesso: 05/10/2017.
- UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v. 5, n.2, Ago-Dez., 2017

SARANYANA, Josep-Ignasi. “Cem anos de teologia na América Latina (1899-2001)”. In: Coleção Quinta Conferência – História. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2005, p. 147.

TEIXEIRA, Faustino L. C., *Espiritualidade do Seguimento*. São Paulo: Paulinas.

TEIXEIRA, Paulinele José. *A comunicação na Igreja Católica Latino-americana*. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014.

Disponível:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0140-1.pdf>. Acesso em: 05/10/2017.

VIANA, Waldo Luís *Eu Sei Que Tu Me Sondas*. Joinville: Clube de Autores, 2007.